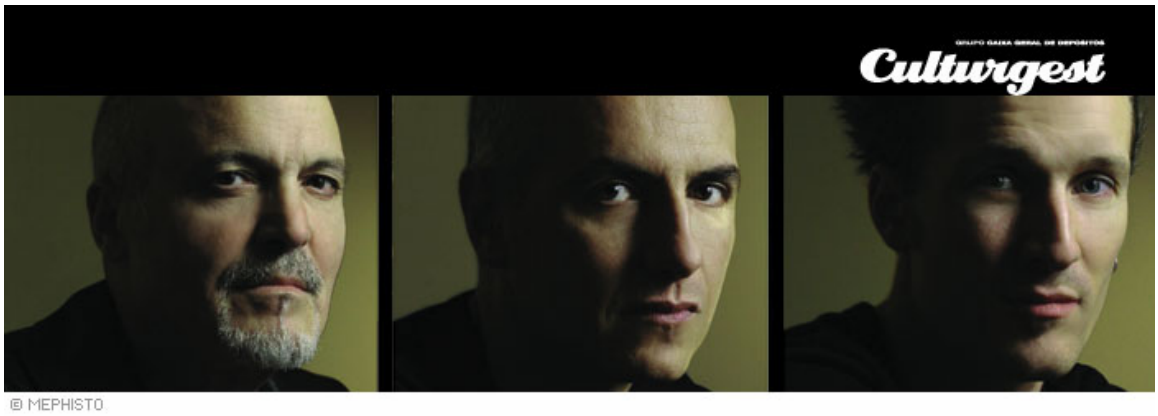
Trio de Aldo Romano

Piano Danilo Rea Contrabaixo Remi Vignolo Bateria Aldo Romano

jazz 4 de fevereiro

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30



A desarmante elegância do jazz de Aldo Romano

manuel jorge veloso

Aparentando um porte algo distante e esfíngico na sua estatura esguia e eminente, Aldo Romano é um dos músicos de *jazz* mais surpreendentemente elegantes na relação com o seu instrumento (a bateria) e com a música que estimula à sua volta, qualquer que seja o contexto instrumental que o rodeia.
O que não deixa de ser curioso quando se ousa pensar, por vezes, ser missão de um baterista… bater forte e feio!

Homem dos sete instrumentos, entre os quais a guitarra e a bateria (agora pianista e até cantor), Aldo Romano não disfarça, no carácter «melódico» do *jazz* que hoje nos propõe, a sua origem italiana. Mas desde que, em inícios da década de 1960, iniciou uma prolífera carreira em Paris – cidade que anos antes acolhera seus pais no difícil trânsito da emigração –, Romano foi-se tornando o mais francês dos músicos italianos.

As notas que noutro local desta folha de sala nos dão conta dos principais passos da sua carreira ajudarão a desvendar o que de mais interessante existe no trajecto profissional de um dos mais importantes músicos em todo o *jazz* europeu, culminando com a ainda fresca atribuição do *Jazzpar*, distinção ímpar no nosso continente.
Mas a sua personalidade artística é a de alguém cuja polivalência criativa se foi construindo, a par e passo, nas múltiplas colaborações com músicos de tendências estéticas as mais diversas, de Don Cherry e Steve Lacy a Gianluigi Trovesi e Franco d'Andrea passando, entre tantos outros, por Joachim Kühn, Gato Barbieri, Michel Portal, Robin Kenyatta, Jasper van't Hof, Charlie Mariano, René Urtreger, Franz Koglmann ou Enrico Rava, num percurso que também conheceu o *hard-bop* e a *fusão* com passagem pelo *free jazz*.

Descobridor de novos talentos, foi pela mão de Aldo Romano que os seus compatriotas Fabrizio Bosso, Paolo Fresu, Francesco Bearzatti ou Stefano di Battista se tornaram conhecidos na cena europeia do *jazz*. E a relevância de um Michel Petrucciani no *jazz* internacional ficou a dever-se à sua solidariedade, insistência e persuasão, ajudando a formar (e participando durante anos) no trio do notável pianista francês.

O concerto a que hoje assistiremos tem como repertório anunciado o do álbum *Threesome*, gravado há dois anos por Aldo Romano na companhia dos mesmos músicos presentes em palco – o pianista italiano Danilo Rea e o contrabaixista francês René Vignolo – correspondendo inteiramente ao significado daquele título a interacção e a cumplicidade patentes no entusiasmante jogo musical dos três músicos.

É certo que, pelo próprio carácter quase «orquestral» que o piano é capaz de assumir, Danilo Rea poderá desempenhar, na aparência, um papel central e determinante na tomada de decisões improvisativas susceptíveis de encaminhar em sentidos diversos a evolução de cada peça. Cultura jazzística, talento e invenção não lhe faltam na construção de uma linguagem pessoal que, encontrando certas referências na especial rítmica de Ahmad Jamal ou no melodismo de notáveis pares italianos – como Enrico Pieranunzi ou Stefano Bollani – parece ir beber farta inspiração na capacidade percussiva dos dedos ou na desbragada entrega emocional de um Keith Jarrett.

Partindo de uma pequena frase ou transformando um simples *ostinato* num novo desvio temático imparável, *swingando* de forma impetuosa ou percorrendo todo o teclado em torrentes aleatórias e deixando cair com violência *clusters* «tayloreanos», Rea irá sem dúvida surpreender os amadores de *jazz* portugueses; mas também Remi Vignolo, na exploração virtuosística do contrabaixo, assegurará um contributo pulsante e harmónico, seguro e influente, na estratégia colectiva de um trio sobre o qual se percebe pairar, a todo o momento, a maturidade de Aldo Romano e uma induzida influência organizativa sem a qual os momentos de aparente deriva seriam um fim e não um meio.

A solidificar este consistente trio de Romano estará, por certo, a particular musicalidade das peças saídas da sua pena de compositor, a um tempo líricas e explosivas, singelas e poderosas, românticas e telúricas, jamais escondendo a matriz transalpina das toadas mas sempre fazendo uso de um sistemático efeito de distanciação, quando tudo se arrisca a parecer demasiado familiar.

Entre essas peças poderão estar (ou não) o tempo de valsa de *Sapore di Si Minore* (rebaptizado *Manda*, em referência à personagem interpretada por Serge Reggiani em *Casque d'Or*, de Jacques Becker), as tocantes homenagens a três desaparecidos – Michel Grailler, Claude Nougaro e Elis Regina –, o *swing* médio/lento de *Touched!*, a impulsiva *tarantella* no interior de *Abruzzi*, a modernidade de *Fleeting* ou, ainda, um desejável *encore*: a espantosa melodia de *Estate*, na voz do próprio Romano…
Sabe-se lá…
Janeiro, 2006

Biografia

Aldo Romano, um dos nomes maiores do *jazz* europeu, nasceu em Belluno, Veneto, Itália, em 1941. Os seus pais emigraram para França era ele muito novo, mas manteve a nacionalidade italiana. Começou a tocar guitarra antes de, tinha então vinte anos, se decidir pela bateria, ao ouvir o grupo de Donald Byrd com o baterista Arthur Taylor.

Basicamente autodidacta, beneficiou, todavia, dos conselhos de Michel Babault e Jacques Thollot. Admirador de Philly Joe Jones, Elvin Jones, Tony Williams, Ed Blackwell e Billy Higgins, foi sobretudo influenciado pelo saxofonista Jackie McLean com quem tocou numa das suas viagens à Europa. Nos clubes de *jazz* de Paris teve, de resto, a oportunidade de acompanhar muitos outros músicos americanos de visita à Europa, como Bud Powell, Stan Getz ou Kenny Drew.

Com Jean-François Jenny-Clark, Bernard Vitet e François Tusques formou, em 1964, uma das primeiras bandas de *free jazz* europeias.
Em 1965, já músico profissional, trabalhou com, entre outros, Carla Bley, Steve Lacey, Enrico Rava, Gato Barbieri, Don Cherry. No final da década de 1960 tocou ou fez digressões com, nomeadamente, Dexter Gordon, Jean-Luc Ponty, Michel Portal, Phill Woods, Joachim Kühn (com quem trabalhou regularmente durante alguns anos).

Formou o seu primeiro grupo, "Total Issue", em 1970, seguido, em 1974, de um outro, "Pork Pie", explorando os caminhos, então em voga, da fusão do *rock* com o *jazz*.
Em 1977 reencontrou Enrico Rava que, com ele, Jenny-Clark e Roswell Rudd formou um quarteto. Numa das viagens do grupo a Itália, Romano gravou um álbum em duo com Jenny-Clark, dedicado a Cesare Pavese, que inclui uma série de textos do escritor italiano ditos por um actor do Piccolo Teatro de Milão.

No início dos anos 80 conheceu Michel Petruciani, cuja carreira lançou, apoiando-o durante três anos, compondo para ele vários temas e gravando diversos álbuns. No final da década, além de ter tocado com Chet Baker ou René Urtreger, ou composto algumas canções para Claude Nogaro, formou um quarteto italiano com Paolo Fresu, Franco d'Andrea e Furio Di Castri (*Palatino*) com quem gravou quatro discos, um deles, *Canzone*, revisitando canções populares.

Em 1995 formou um trio com Louis Sclavis e Henri Texier com quem fez uma viagem por seis países da África Central.
O resultado dessa viagem ficou registado num célebre álbum, *Suite Africaine*. *Carnet de Routes*. Muito recentemente, o mesmo trio voltou a África e gravou um novo disco, saído em Novembro de 2005, *African Flashback*.
A exploração que tem desenvolvido de temas evocativos das mais diversas origens geográficas (Europa, África, América Latina), quer de música popular, quer de música erudita, justificarão que alguns lhe atribuam a invenção do "jazz nómada".
Aldo Romano é um músico e compositor em permanente reinvenção, experimentando novos estilos, participando em numerosas e diversificadas formações, nunca deixando de nos surpreender. Acaba de editar um CD, *Chante*, em que pela primeira vez usa a sua voz.

Em 2004 recebeu o prestigiado *Jazzpar*, o mais importante prémio de *jazz* europeu, consagrando uma carreira ímpar. Nesse ano, com Danilo Rea ao piano e Remi Vignolo no contrabaixo, gravou *Threesome*, CD premiado pelas revistas da especialidade e que está na base do presente concerto.
"Vejo a música como uma celebração partilhada com o público. (...) Ao longo dos anos acho que vim reduzindo a minha distância com o público, mas admito que houve um tempo em que o excluí completamente.
(...) Passei por um período de doença e acho que isso alterou bastante a minha atitude. Sou menos tímido agora; julgo que ganhei confiança em mim. Hoje diria que sou alguém que procura o afecto e vivo as minhas experiências musicais como histórias de amor".